

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA

RAQUEL DA SILVA PACHECO

**A LINGUAGEM DO DESENHO PARA UM DESPERTAR DE POSSIBILIDADES
NO ENSINO MÉDIO**

CRICIÚMA

2017

RAQUEL DA SILVA PACHECO

**A LINGUAGEM DO DESENHO PARA UM DESPERTAR DE POSSIBILIDADES
NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Me. Izabel Cristina Marcílio Duarte

CRICIÚMA

2017

RAQUEL DA SILVA PACHECO

**A LINGUAGEM DO DESENHO PARA UM DESPERTAR DE POSSIBILIDADES
NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Educação e Arte.

Criciúma, 22 de Novembro de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Izabel Cristina Marcilio Duarte – Mestre em Educação – UNESC
(Orientadora)

Prof. Alan Figueiredo Cichela – Esp. Educação Estética: Arte e as Perspectivas
Contemporâneas – UNESC

Prof.^a Angélica Neumaier – Esp. Ensino da Arte: Fundamentos Estéticos e
Metodológicos – UNESC

Dedico esse trabalho as pessoas que acreditaram em meus esforços para ter uma formação superior. Obrigada a Deus, aos meus amigos e a minha família!

AGRADECIMENTOS

Há tantas pessoas a quem preciso agradecer, que começo pelas que estão próximas a mim. Agradeço ao meu pai por sempre me incentivar a estudar e a correr atrás de meus objetivos, sempre esteve e está ao meu lado para me apoiar e ajudar.

Obrigada Rafael, meu amigo e namorado, por sempre estar ao meu lado, me apoiando em minhas decisões, sendo paciente quando eu precisava estudar para provas e fazer trabalhos.

Obrigada as minhas amigas e colegas que conheci no curso, guardarei na memória os momentos bons e ruins e sempre me lembrarei das conversas e risadas em sala de aula.

Não esquecendo de agradecer a todos os professores que eu tive o prazer de conhecer e que me ensinaram muitas coisas por meio de seus conhecimentos, proporcionando também momentos de experiência que deixaram marcas. Obrigada Mestres!

“Qualquer superfície riscada sugere que alguém passou por ali, casual ou intencionalmente. São rastros que humanizam a superfície: as marcas dos pés na areia da praia, os riscos deixados pelos dedos no vidro embaçado, a marca de batom na pele da bochecha, um rabisco qualquer no canto do papel.”

Edith Derdyk

RESUMO

A presente pesquisa seguirá a linha do curso de Artes Visuais Licenciatura “Educação e Arte”. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, e tem como Objetivo Geral: Compreender por meio da percepção do professor de Arte como seus alunos percebem/trabalham o desenho em suas aulas. Abordará questões relacionadas à linguagem do desenho nas aulas de artes com o Ensino Médio, para tanto, trago como problematização pensar – A partir das proposições trazidas para a sala de aula, o que os professores de Arte percebem em relação ao desenho de seus alunos do Ensino Médio?” – E para responder envolvo na pesquisa seis professores de Arte do Ensino Médio, que por meio de questionário pude refletir sobre suas práticas pedagógicas, o que também responde as questões norteadoras da pesquisa, são elas: Como o professor de Arte vê a linguagem do desenho no ensino da arte? Como trabalha o desenho em suas aulas? Os professores de Arte têm conhecimento sobre o desenho contemporâneo e os diversos materiais que podem propiciar a seus alunos para desenhar? Trago nos capítulos dessa pesquisa uma revisão bibliográfica, com autores que tratam de questões relacionadas ao desenho enquanto técnica, aprendizagem e ensino, entre eles estão – Derdyk (2015); Schmidt (2016); Rodrigues (2011); Hallawell (2003);Tsuhaiko (2015), entre outros. E segundo as questões levantadas por tais autores relaciono-as as minhas experiências vivenciadas no curso e em meus estágios obrigatórios. Por meio dessa pesquisa constata-se que o desenho deixou um rastro na história que vai além do que ela traz, fomentando no pesquisador ou a quem estiver interessado em compreender e conhecer mais sobre a linguagem do desenho e sobre as possibilidades para ampliar seu repertório criativo e artístico.

Palavras-chave: Linguagem do desenho. Desenho Contemporâneo. Ensino Médio. Professores de Arte. Experiências.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Desenhos com a tesoura	12
Figura 2: Desenhos em 3D.....	12
Figura 3: Pintura de Enno de Kroon	13
Figura 4: Pinturas em bandejas de ovo (turmas 102 e 103 do Ensino Médio)	14
Figura 5: Exercícios de traçados	16
Figura 6: Desenho de observação	16
Figura 7: Cena de caça de aves selvagens	19
Figura 8: Isoporgravura	21
Figura 9: Colagraph.....	21
Figura 10: Pencil Vs Camera.....	22
Figura 11: As senhoritas de Avignon.....	23
Figura 12: Desenho sem papel, 1983	25
Figura 13: Pinturas de Basquiat	27
Figura 14: Relação entre “O café noturno” e “Mesa de Bilhar”	27
Figura 15: Água.....	28
Figura 16: Recorte da figura 15.....	29
Figura 17: Desenho com linhas.....	30
Figura 18: Releituras (intervenções)	38
Figura 19: Narrativas Pessoais	39
Figura 20: Nomeação dos professores, ano de formação e cidade que leciona	40

SUMÁRIO

1 COMO TUDO COMEÇOU...	11
1.1 O PERCURSO METODOLÓGICO.....	17
2 A PRESENÇA DO DESENHO NA HISTÓRIA.....	19
2.1 DESENHO CONTEMPORÂNEO	24
3 O DESENHO NO CONTEXTO ESCOLAR	31
4 O PAPEL DO PROFESSOR NA DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS EM RELAÇÃO AO DESENHO.....	36
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	40
6 PROJETO DE EXTENSÃO.....	49
7 CONSIDERAÇÕES.....	51
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICE.....	56
APÊNDICE A	57
ANEXO	58
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA	59

1 COMO TUDO COMEÇOU...

Algo que me marcou e que recordo da minha infância, quando criança frequentava o “clubinho”, assim era chamado por mim e meus colegas que frequentavam uma instituição voltada para projetos de ensino, essa ainda se localiza no mesmo endereço, no Bairro Paraíso em Criciúma/SC, antes, muitas crianças do bairro, assim como eu ficávamos nesta instituição depois da escola, lá, passávamos a tarde fazendo desenhos, pinturas. Hoje a instituição esta voltada para trabalhos sociais como Clube de Mães, curso de pinturas e artesanatos para adultos. Foi no clubinho que despertei um olhar sensível para a linguagem do desenho. Nunca vou me esquecer de um desenho de observação que fiz de uma pintura que estava na parede da sala, um tucano, infelizmente não guardei o desenho feito. Após isso, continuei a desenhar cada vez mais. Meu desejo de infância era ser uma grande desenhista, mas, acabei deixando de lado. Já adulta, pensando sobre meu futuro, com muitas dúvidas, e após oito anos sem estudar, já completado o Ensino Médio, pensei em fazer uma graduação, fiz quase um semestre de Pedagogia, tranquei, dois semestres de Educação Física, tranquei também, estava com muitas dúvidas sobre o que eu queria fazer, então pesquisei no site da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense)¹ sobre os cursos que a universidade oferecia e optei por cursar Artes Visuais Bacharelado e depois troquei para Licenciatura.

Em Artes Visuais pude explorar minhas habilidades em relação ao desenho, o curso me ajudou a ter um olhar poético sobre a arte. Antes, pensava que desenho eram figuras feitas apenas com lápis e papel, que deveria ser perfeito. Andrade (1975, apud DERDYK, 2015, p.34) nos diz que ‘O verdadeiro limite do desenho não implica de forma alguma o limite do papel, nem mesmo pressupondo margens’. Hoje penso o desenho de várias formas, feito com diversos materiais e suportes.

O gosto pelo desenho é algo que nunca deixei de lado, sempre busquei trazer o desenho para meus projetos de estágio. Observei em escolas durante meus estágios obrigatórios, nas aulas de arte, como o desenho é trabalhado. Os professores aplicavam o desenho não como um conteúdo, mas sim como práticas para outras propostas. Assim, de que forma pensar o desenho em sua

¹ Optei por não fazer uma Lista de Abreviaturas e Siglas por conter apenas essa sigla em todo o trabalho.

potencialidade, se o professor não o ensinar como conteúdo? Não pensar outras formas de fazê-lo? Percebi a necessidade por parte dos professores de Arte trabalharem a questão do aluno pensar o desenho além do lápis e papel.

O desenho possui uma natureza específica, particular em sua forma de comunicar uma ideia, uma imagem, um signo, por meio de determinados suportes: papel, cartolina, lousa, muro, chão, areia, madeira, pano, utilizando determinados instrumentos: lápis, cera, carvão, giz, pincel, pastel, caneta hidrográfica, bico de pena, vareta, pontas de toda a espécie (DERDYK, 2015, p. 31-32).

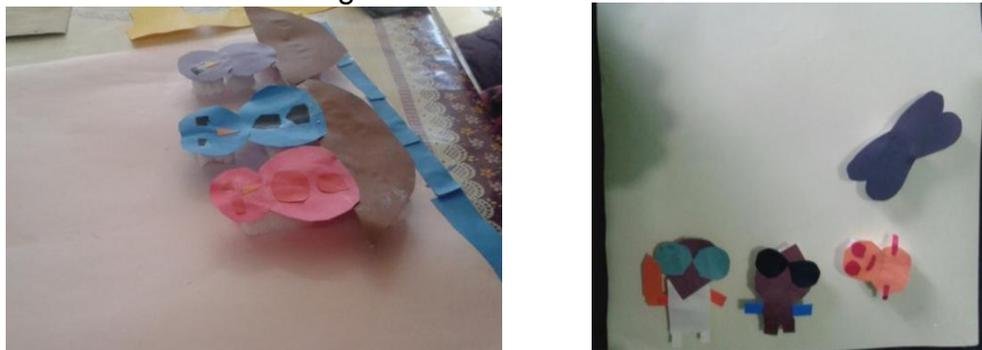
No estágio com o 3º ano do Ensino Fundamental I, trouxe a questão do desenho com a tesoura, técnica utilizada pela artista Maria Cininha e o desenho em 3D, inspirada nas produções da artista *Brittney Lee*, sem o uso do lápis, para as crianças foi desafiador, elas se envolveram com o projeto, conseguiram explorar seu imaginário e desenhar com a tesoura.

Figura 1: Desenhos com a tesoura



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 2: Desenhos em 3D



Fonte: Arquivo Pessoal

Em pesquisas que fiz em livros, sites, fala-se muito do desenho na infância, o desenho no design de moda, em outras áreas de conhecimentos, como na matemática, arquitetura, entre outros, ele abrange muitos fatores que envolvem o homem, e sua pesquisa vai muito além. Mas pouco se fala sobre a forma de pensar o desenho no Ensino Médio. Para tanto minha pesquisa se baseará nas aulas ministradas pelos professores de Arte do Ensino Médio, como este aborda a questão do desenho e suas várias formas de pensar e explorar materiais diferenciados com seus alunos?

No estágio III, com o Ensino Médio, trouxe como proposta de suporte o uso da bandeja de ovo, para os alunos pintarem seus desenhos na mesma, fazendo referência ao “Eggcubismo (ovocubismo)”, nome dado à técnica utilizada pelo artista Enno de Kroon, artista contemporâneo que ficou reconhecido por meio da internet ao publicar fotos de suas produções no site *Flickr*. Suas pinturas são feitas em bandejas de ovo, no qual trabalha com o conceito de tridimensionalidade, possibilitando uma visualidade de efeito 3D em suas produções artísticas, de acordo com os ângulos que se observa. Também entram em cena as formas geométricas que a bandeja revela.

Figura 3: Pintura de Enno de Kroon



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/ennodekroon/albums/72157627598949843>

Figura 4: Pinturas em bandejas de ovo (turmas 102 e 103 do Ensino Médio)



Fonte: Arquivo Pessoal

Aprendi com essas experiências que o Ensino de Arte deve promover no aluno acima de tudo, a imaginação, pois com ela, ele será capaz de ir além para produzir significados às suas produções.

O desenho é visto de várias formas, como uma especialidade ou uma forma de expressão. E essa forma de expressão o professor pode proporcionar a seus alunos, sem julgar o belo e o feio, sem limitar apenas a técnicas. A função do professor não é fazer o aluno a “aprender a desenhar” e sim a explorar maneiras de desenhar, desconstruindo assim estereótipos que mostram o desenho como belo, perfeito. Por ainda haver pessoas que pensam dessa forma, seja dentro da própria escola ou fora dela, acaba influenciando muitos jovens a pensarem o mesmo, mas o professor está aí, para fazer o aluno repensar esta forma estereotipada de pensamento.

Pensar o desenho envolve fazer uma pesquisa através do tempo, desde a pré-história até os dias atuais. “[...] o desenho reclama a sua autonomia [...] como

um meio de comunicação, expressão e conhecimento” (DERDYK, 2015, p.42). No qual muitos não dão o devido valor que merece. A arte abrange várias linguagens, acredito que quase todas as ideias que surgem, tem o desenho como proposta inicial, seja apenas um esboço ou até a própria produção. Por isso a importância de se pensar o desenho na escola. Na busca por respostas me proponho a desenvolver uma pesquisa exploratória para tanto, trago a seguinte questão problema: “A partir das proposições trazidas para a sala de aula, o que os professores de Arte percebem em relação ao desenho de seus alunos do Ensino Médio?” E como questões norteadoras: Como o professor de Arte vê a linguagem do desenho no Ensino de Arte? Como trabalha o desenho em suas aulas? Os professores de Arte têm conhecimento sobre o desenho contemporâneo e os diversos materiais que podem propiciar a seus alunos para desenhar? Sobre essa última questão trago o significado da palavra “desenhar”, que segundo Derdyk significa:

Traçar o desenho. Dar relevo a; delimitar. Descrever, apresentar, caracterizando oralmente ou por escrito. Tornar perceptível, representar, acusar. Conceber, projetar, imaginação, idear. Exercer a profissão de desenhista. Apresentar-se com os contornos bem definidos; ressaltar; avultar destacar-se. Aparecer, representar-se ou reproduzir-se na mente, na imaginação, afigurar-se, figurar-se. (2015, p.44-45).

Também é importante enfatizar o significado da palavra desenho, segundo Derdyk, nos dicionários é:

Representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos e manchas [...]. A arte e a técnica de representar com lápis, pincel, pena etc [...]. Versão preparatória de um desenho artístico ou de um quadrado; esboço, estudo. Traçado, risco, projeto, plano. Forma, feitio, configuração: o desenho de uma letra, de uma boca (apud DERDYK, 2015, p.44).

Na disciplina de “Desenho Contemporâneo” do curso, aprendi muito sobre a forma de pensar o desenho e o significado de sua palavra, assim como manusear ferramentas e suportes que nem imaginava poder fazer um desenho, como desenhar com arame, desenhar no espaço, desenhar de acordo com som de uma música, praticar o traçado, entre outros.

Figura 5: Exercícios de traçados



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 6: Desenho de observação



Fonte: Arquivo Pessoal

Meu interesse pelo desenho aumentou ainda mais com a prática, me exercitando continuamente, graças ao ensino propiciado pelos professores do curso, pois na escola não tive um aprendizado significativo sobre esta linguagem. Mas hoje vejo que a educação está mudando, os professores estão cada vez mais buscando se especializar, e com isso trazer para a sala de aula as novas experiências vividas.

No **subcapítulo 1.1** abordarei sobre os aspectos da realização metodológica de minha pesquisa, trazendo minha questão problema e como farei para solucioná-la. Trarei como referência Silva (2005) e Gil (2002). E esmiuçarei sobre os assuntos que tratarão os capítulos posteriores.

1.1 O PERCURSO METODOLÓGICO

Como método de pesquisa seguirei a linha do curso de Artes Visuais Licenciatura “Educação e Arte”. Quanto à natureza da pesquisa, é básica, pois “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais” (SILVA, 2005, p.20).

Quanto à forma de abordagem do meu problema – A partir das proposições trazidas para a sala de aula, o que os professores de Arte percebem em relação ao desenho de seus alunos do Ensino Médio? – Será de caráter qualitativo, no qual se baseia numa “[...] relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (SILVA, 2005, p.20). Proponho-me a fazer uma pesquisa de campo com professores da área de Arte, por meio de questionário, afim de dispor de informações que favoreçam minha pesquisa. Para Gil:

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias (2002, p.53).

Aqui discorro sobre os assuntos abordados nos capítulos desse trabalho. O segundo capítulo traz uma breve introdução da história do desenho, desde a Pré-História até a contemporaneidade, trazendo como subcapítulo o “Desenho Contemporâneo”, onde trago artistas contemporâneos que dialogam com a linguagem do desenho. No terceiro capítulo “O desenho no contexto escolar”; faço referência ao livro de Edith Derdyk – *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil* e ao Trabalho de Conclusão de Curso de Jaqueline Schmidt – *Desenho no ensino médio: Contrariando bloqueios e explorando novas potencialidades*, também dialogo com Loponte (2013); Tshako (2015); Dworecki (1998), entre outros. Já o capítulo seguinte aborda a questão do papel do professor na desconstrução de estereótipos em relação ao desenho, trazendo minhas experiências como exemplo para desconstrução de estereótipos, nesse referencio Ricken; Souza (2013); Hallawell (2003) e Schultz (2011). O quinto capítulo apresenta

a análise de dados da pesquisa, no qual participaram seis professores de Arte do Ensino Médio, por meio de um questionário com cinco perguntas relacionadas ao desenho no contexto de suas aulas. Os autores que fundamentam essa análise são: Derdyk (2015), Schmidt (2016) e Rodrigues (2011). E no sexto capítulo apresento meu projeto de extensão que abordará como tema a linguagem do desenho, com o uso de suportes e ferramentas que vão além do lápis e papel.

O segundo capítulo trará uma breve história sobre o desenho; sobre sua presença deixada na Pré-História, passando pelo Egito, Grécia, Idade Média, Renascimento, Idade Moderna e por último a contemporaneidade.

2 A PRESENÇA DO DESENHO NA HISTÓRIA

As primeiras contribuições como forma de manifestação simbólica são datadas desde os primórdios da humanidade, onde os homens das cavernas desenhavam figuras de animais, a figura humana, signos diversos, utilizando pigmentos naturais para pintar em paredes de grutas ou superfície rochosas, no geral, representavam o cotidiano em que viviam.

Com o tempo o homem das cavernas passou a ser um homem social, a religião se torna parte de sua vida, falo sobre os egípcios, que tornou a arte indispensável, que por sua vez passou a ter um papel importante na representação da vida dos faraós e da morte, se destacam o desenho, a escultura e a arquitetura, que mantinham especificidades de padrões rígidos.

Em muitos quilômetros de desenhos e entalhes em pedra, a forma humana é representada em visão frontal do olho e dos ombros, e em perfil de cabeça, braços e pernas. Nas pinturas em paredes, a superfície é dividida em painéis horizontais separados por linhas. A figura despojada, de ombros largos e quadris estreitos, usando adorno na cabeça e tanga, posa rigidamente com os braços para os lados e uma perna adiante da outra. O tamanho da figura indica sua posição: os faraós são representados como gigantes sobressaindo entre criados do tamanho de pigmeus. (STRICKLAND, 1999, p. 9)

Figura 7: Cena de caça de aves selvagens



Fonte: STRICKLAND, 1999, p.8

Enquanto que os egípcios não se preocuparam com representações artísticas realistas, a Grécia buscou favorecer nas artes a beleza da realidade. O corpo nu, a beleza e os Deuses eram idealizados pelos gregos. Confesso que esse período da arte é o que mais me fascina pela arte ser esteticamente bela, nos mínimos detalhes os artistas buscavam fazer uma obra perfeita, muito realista. Enquanto que até aqui não houve bloqueios sobre o que manifestar na arte, mais adiante, na Idade Média (compreende o século V até XV) houve uma mudança rigorosa na arte, essa se voltou totalmente para a religião cristã, a arte tinha que ser de acordo com os princípios da igreja. Os artistas só puderam manifestar sua arte sem precisar direcioná-la a fé, no início dos anos 1400 com o surgimento do renascimento. “Nesse momento também surge na Europa a gravura, Albert Dürer revolucionou a arte da gravura por desenhar por meio da hachura à gravação em madeira, tendo efeitos de luz e sombra. Ele foi o primeiro artista a usar a gravura como arte de forma maior” (STRICKLAND, 1999).

A gravura foi muito usada e ainda é uma das artes mais acessíveis nos dias atuais, tanto por profissionais à meros amadores. Também usada por professores de Arte em atividades voltadas ao desenho e pintura, tanto que meu estágio com a Educação Infantil foi sobre gravura. Tive conhecimentos sobre a gravura na disciplina de “Gravura e Pesquisa”, pude experimentar o desenho com materiais viáveis, como desenhar no isopor (isoporgravura), na caixa de leite, desenhar com barbante no papelão (colagraph).

A gravura é uma técnica artística que permite que um mesmo desenho seja reproduzido várias vezes. O desenho, ou a figura, é feito em uma matriz que recebe uma camada de tinta, assim ele pode ser impresso em muitos suportes diferentes.

As gravuras variam conforme o tipo da matriz, que pode ser uma placa de madeira (xilografura), de metal (calcografura), de pedra (litografura), de argila (argilografura), de isopor (isoporgravura), etc. (POUGY, 2014, p.270)

Para a atividade com a Educação Infantil trabalhei a “isoporgravura” e a “colagraph”. A isoporgravura pode ser feita com tampas de marmitas ou bandejas de frios. A técnica consiste em fazer o desenho com um lápis, caneta ou palito, pressionando com cuidado para não furar o isopor, depois passa a tinta (pode ser guache) e pressiona sobre o papel para fazer a impressão. “Assim, quando o papel entra em contato com a matriz entintada, o que se transfere para ele é a tinta que

cobre o fundo, deixando o desenho vazado, ou seja, neste caso, o fundo fica colorido e a figura, sem cor.” (POUGY, 2014, p. 271)

“[...] a colagraph é uma técnica aditiva de texturas e elementos diversos por meio de colas e resinas. Estes procedimentos foram incorporados posteriormente ao rol das possibilidades artísticas contemporâneas na gravura” (GONDO, 2013, p.39). Depois dos objetos colados na matriz (papelão ou outro), é passado a tinta com um rolinho ou pincel e feita a impressão numa folha de papel ou tecido.

Figura 8: Isoporgravura



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 9: Colagraph



Fonte: Arquivo Pessoal

É fato que foi construído conceitos e técnicas inovadoras e diferentes em momentos onde os artistas sentiram a necessidade de haver mudanças na arte. Do século XIX ao XX os artistas modernistas ousaram na criação de uma arte inovadora, romperam com os conceitos passados criando uma linguagem própria, surgindo então, as correntes artísticas caracterizadas “como os ‘ismos’: impressionismo, pós-impressionismo, expressionismo, fauvismo, cubismo, futurismo, surrealismo...” (CANTON, 2009, p.17)

A fotografia também foi uma invenção inovadora desse período, inventada em 1826 abriu caminhos e possibilidades para os artistas criarem e explorarem sua criatividade e habilidades para a arte. Canton (2009, p.19) diz que:

A fotografia liberou os artistas, até então incumbidos de registrar nas telas pessoas, paisagens e fatos históricos para a posteridade. Agora a fotografia podia cumprir essa função, dando ao artista a liberdade de criar e realizar novas pesquisas e experimentos com seus pincéis, suas mãos e seus olhares.

A fotografia aliada à outra linguagem artística pode dar um novo sentido a produção efêmera ou ela pode fazer parte do objeto artístico. Um exemplo de artista que se apropria da fotografia é Ben Heine, artista contemporâneo. *Pencil Vs Camera*, assim chamado o conceito visual inventado pelo artista, é sua marca desde 2010.

Figura 10: Pencil Vs Camera



Fonte: <http://www.benheine.com/projects.php#>

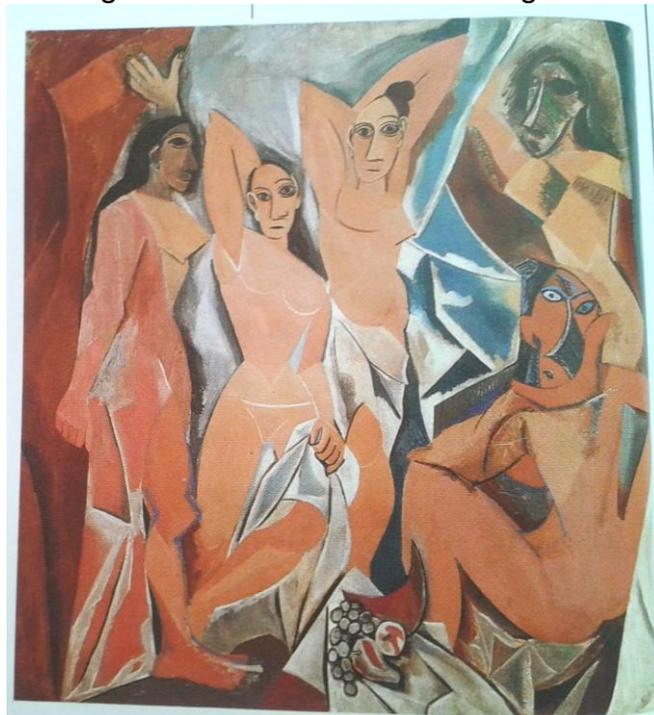
No capítulo 4 trago uma experiência de atividade inspirada nas produções do artista e falarei sobre a técnica que o mesmo utiliza.

Voltando a falar sobre arte moderna, todas as correntes dos “ismos” que

citei antes requerem mais detalhes, portanto, não adentrarei sobre todas elas, falarei apenas de uma em especial, o cubismo, pois foi discutido sobre as características do mesmo em minhas atuações no estágio com o Ensino Médio. O artista que trabalhei “Enno de Kroon” vê no cubismo inspiração para criar suas produções artísticas.

O cubismo surgiu no século XX (de 1908 a 1914), tem como características as formas geométricas, não existem perspectivas no desenho, todas as formas consistem em estar num mesmo plano. Um dos artistas mais conhecidos dessa corrente foi Pablo Picasso, que se inspirou na arte africana para produzir várias obras, uma delas é as “As senhoritas de Avignon (1907)”. Observe a imagem a seguir, os desenhos revelam deformidade apresentada no corpo das mulheres que Picasso pintou, formas geométricas, as curvas dos corpos possuem linhas retas, o artista não se preocupou com a perfeição, não há delicadeza nos traços e a perspectiva foi abandonada.

Figura 11: As senhoritas de Avignon



Fonte: STRICKLAND, 1999, p.22

Quem olha assim e não conhece sobre a história de vida de Picasso, pensa logo que ele desenhava apenas com o estilo “cubista”, pois não é bem assim, “Aos dois anos de idade, suas primeiras palavras foram, ‘lápiz, lápis’. Na adolescência ele já dominava a arte do desenho com precisão fotográfica”

(STRICKLAND, 1999, p.136). Desconstruir uma forma de expressar o desenho (de um desenho realista para outro formato de desenho) que já fora formada não é tão fácil, requer tempo e determinação para conseguir alcançar tal façanha.

O que os artistas modernos queriam era experimentar novas formas de expressão e criação, o que abriu caminhos para a arte contemporânea, enquanto que a arte moderna deixou de lado os estilos de artes passadas, essa não descarta o velho, ela se interliga com ele e o transforma em uma arte contaminada por múltiplas linguagens e estilos, o que faz dela, ser uma arte estranha e diferente.

A arte contemporânea causa estranheza porque o que vale é a intenção do artista e não o objeto artístico, fazendo com que muitas vezes o público não compreenda o contexto que o artista atribui nas entrelinhas de sua obra. Por isso o incômodo, a estranheza, pensar a obra “isso é arte?”

Para decidir o que é ou não é arte, nossa cultura possui instrumentos específicos. Um deles, essencial, é o discurso sobre o objeto artístico, ao qual reconhecemos competência e autoridade. Esse discurso é o que proferem o crítico, o historiador da arte, o perito, o conservador de museu. São eles que conferem o estatuto de arte a um objeto. (COLI, 2006, p.10).

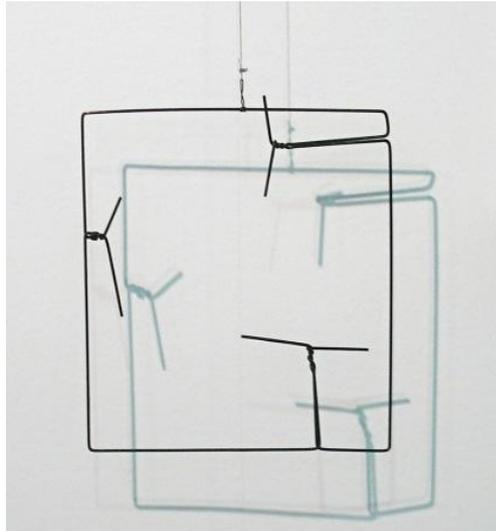
A seguir, no **subcapítulo 2.1** trago artistas contemporâneos que dialogam com a linguagem do desenho, e trazem em suas produções o uso de materiais diferenciados que se transformam no desenho ou que podem interagir com o mesmo.

2.1 DESENHO CONTEMPORÂNEO

Em torno da arte contemporânea, a linguagem do desenho também entra num diálogo perante a reflexão da estranheza.

Observe o desenho a seguir, é estranho para quem não está acostumado com a arte contemporânea, faz pensar “isso é arte?” Sim, é arte! Para a surpresa de um leigo em relação à arte contemporânea.

Figura 12: Desenho sem papel, 1983



Fonte: RODRIGUES, 2011, p.31

Esse desenho é da artista alemã Gertrud Goldschmidt, conhecida como Gego, nesse trabalho ela buscou propor uma maneira bem contemporânea de desenhar, é um desenho feito com metal pintado suspenso no espaço, e com a junção de sua sombra na parede temos um efeito tridimensional e ao mesmo tempo o desenho parece ter saído da parede.

Segundo Hallawell, o desenho nada mais é do que

[...] a interpretação de qualquer realidade, visual, emocional, intelectual, etc., através da representação gráfica. [...] O desenho é a base de qualquer trabalho visual, bi ou tridimensional, e é por isso que seu domínio se torna indispensável para o estudante [...] (2003, p.9).

Hallawell traz outras questões sobre o desenho em seu livro – A mão livre: técnicas de desenho – tais como: exercício de adquirir domínios sobre os fundamentos do desenho, a percepção visual, domínio de todos os elementos da linguagem visual e gráfica; faz um levantamento dos materiais, papéis, suportes e técnicas de desenho (com o uso de materiais diversos que vão além do lápis). Também ressalta uma questão de grande importância, dúvidas existentes sobre o desenho e a criatividade, ele faz uma menção ao desenho de observação, que esse é visto por muitos como inibidor da criatividade e esclarece,

Não é o desenho que inibe a criatividade, mas uma atitude acadêmica. Quando o desenho de observação é ensinado como se fosse baseado em regras, então, realmente, vai prejudicar a criatividade do aluno, assim como qualquer professor que impõe regras, estilos ou soluções inibirá o aluno na

busca de sua própria expressão. O desenho de observação, repito, é um meio para se dominar o desenho, e é somente dominando o desenho que se consegue fazer uma arte completamente livre, onde as soluções são por opção e não por exclusão. (HALLAWELL, 2003, p.9)

Diante dessa afirmação, retomo o que me levou a perceber que conseguia desenhar, foi justamente por um desenho de observação que fiz, ninguém me disse para desenhá-lo, ou impôs alguma regra, fiz porque o que quis, e isso me ajudou a explorar minhas capacidades para desenhar.

Hallawell (2003) diz que qualquer pessoa pode aprender a desenhar, com exceção de pessoas com deficiências graves. Como experiência própria, muitas pessoas já me perguntaram, *que curso você faz?* **Minha resposta** – Artes Visuais – *eu tenho vontade de fazer esse curso, mas não sei desenhar*, **minha resposta** – para fazer o curso não precisa saber desenhar perfeito, hoje a arte não é feita de traços perfeitos, existem muitas possibilidades para fazer um desenho. A arte ainda é vista por muitos como sendo o desenho perfeito, isto, foi à ideia construída por gerações passadas, até o século XX, a arte era aquela feita com regras, tratada com uma visão estética, autônoma, sem ter influências de outras artes, hoje a realidade é outra, estamos no século XXI, e a visão de arte é outra.

Artistas como Hélio Oiticica, Sandra Cinto e Jean Michael Basquiat, são grandes nomes lembrados da arte contemporânea. Basquiat (nasceu em 1960) um pintor norte-americano, já falecido (faleceu em 1988), que deixou uma arte única, com sua forma de expressão radicalizou e escandalizou o meio artístico de sua época, e é lembrado até hoje, prova disto, é o filme “BASQUIAT - traços de uma vida”², filme lançado em 1996 nos Estados Unidos com direção de Julian Schnabel, conta a sua história de vida e trajetória artística. Ficou conhecido por expressar em suas telas o que pensava e como via o mundo. Ele foi um artista que encontrou lá no fundo de sua mente conturbada pelas drogas uma inspiração para expressar sua arte.

² Fonte: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-i1t-MF5MuA&t=1858s>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

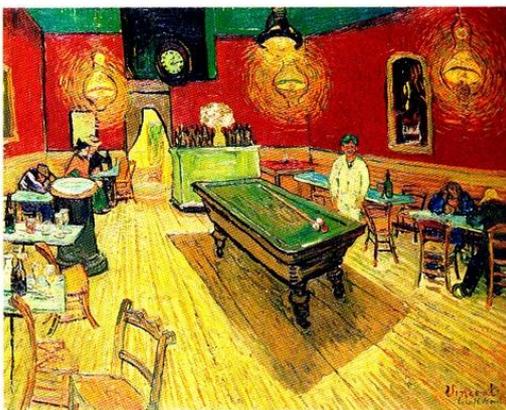
Figura 13: Pinturas de Basquiat



Fonte: <http://www.artnet.com/artists/jean-michel-basquiat/3>

Basquiat se expressava de uma forma singular, com traçados soltos, criando sua própria linguagem artística. Digo que é preciso ter um olhar sensível para perceber o que ele quis passar através de suas imagens críticas. Faleceu aos 27 anos de idade devido ao uso abusivo de drogas, mas deixou sua marca na arte contemporânea, um legado para ser lembrado na história da arte.

Figura 14: Relação entre “O café noturno” e “Mesa de Bilhar”



Fonte: <http://www.historiadasartes.com/salados-professores/cafe-noturno-1888-vincent-van-gogh/>



Fonte: <http://www.select.art.br/8271-2/>

Hélio Oiticica (1937-1980), artista conceitual que mudou o jeito dos espectadores apreciarem suas produções, oportunizando o público a fazer parte das

mesmas. Antes, suas produções sendo bidimensionais passaram a serem tridimensionais performáticos. “[...] o trabalho Oiticica une várias categorias artísticas (artes plásticas, dança, poesia, arquitetura, teatro) criando outras formas próprias de arte, com ordens inventadas por ele como *Penetráveis*, *Bóides*, *Parangolés*, *Núcleos*, etc.” (SILVA, 2006, p.18).

Nota-se nas produções artísticas uma relação entre a forma e a vivência, como na instalação “Mesa de Bilhar” (1966), ele se apropriou da obra de Vincent Van Gogh “O café noturno” (1888), a intenção dessa instalação foi para que o público participasse, ao redor da mesa há roupas coloridas para que se vestissem e jogassem bilhar.

Oiticica deixou uma vasta série de trabalhos, que incluem obras, imagens e textos, e após sua morte, com o objetivo de expor, manter e organizar suas produções, seus dois irmãos, César e Cláudio Oiticica criaram o Projeto Hélio Oiticica em 1981, e em 1996 o Centro de Arte de Hélio Oiticica para manter uma sala de exposições permanente de suas obras. (SILVA, 2006)

Figura 15: Água



Fonte: <https://www.casatriangulo.com/pt/artista/27/trabalhos/>

Sandra Regina Cinto nasceu em 1968, é brasileira, de Santo André, SP, tem uma trajetória como desenhista, pintora, escultora, gravadora e professora. Seu traço para o desenho é de influência do desenho japonês. Ela iniciou sua carreira com a pintura, começou a pintar desenhos abstratos, depois seus desenhos começaram a serem figurativos. Ela representa pelo desenho o espaço, onde pode desenhar nos objetos que estão ali presentes, ou até mesmo criar um espaço com

os objetos que deseja. Gosta de trazer o brinquedo para seu trabalho, pois lembra sua infância, e também nos convida a fantasiar.³

As duas imagens demonstram traços volumosos, inquietantes que nos prende entre as linhas que formam o desenho, fazendo-nos adentrar na fantasia de se levar pelas ondas que Sandra Cinto desenhou, revelando-nos como a linha pode ser poderosa, isto faz me lembrar dos desenhos feito na disciplina de “Desenho Contemporâneo”, onde exercitei o traçado das linhas, parece ser fácil, mas não é, pois para fazer um desenho apenas com linhas precisa-se de precisão, de um domínio e técnica para dar volume à forma, repare no detalhe de um dos desenhos de Sandra Cinto, localizado na **figura 16**, ela usa e abusa da linha, dando ao desenho volume e movimento.

Figura 16: Recorte da figura 15



³Fonte: Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10461/sandra-cinto>>. Acesso em 16 ago. 2017.

Figura 17: Desenho com linhas



Fonte: Arquivo Pessoal

Observe o desenho acima, exercício que fiz sobre trabalhar a questão da linha, foi um pouco desafiador para mim, não consegui ter muito sucesso sobre a questão de dar volume a forma, ficou um pouco estranho no meu ponto de vista, talvez, daí a praticar mais.

No próximo capítulo abordarei a questão do desenho no espaço escolar, trazendo para dialogo os autores Derdyk (2015), Schmidt (2016), Loponte (2013), Tshako (2015), Dworecki (1998) e Carvalho (2015) para discutir e refletir sobre a linguagem do desenho.

3 O DESENHO NO CONTEXTO ESCOLAR

O desenho começa pela mão da criança, e vai ganhando formas a partir de seu desenvolvimento, suas garatujas, assim chamadas os riscos aleatórios, formas não figurativas que a criança desenha, é estudado por pesquisadores desde muito tempo.

Edith Derdyk em seu livro *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil* aborda questões sobre o desenho da criança, a fala, a escrita, memória, imaginação, a imitação e a cópia. Além de trazer um pouco sobre a história do desenho, contemplando artistas importantes de épocas passadas como: Leonardo da Vinci, Pablo Picasso, Van Gogh, Paul Klee, entre outros. Seu livro é de estudo para educadores interessados em compreender o pensamento da criança, expressado de muitas maneiras através da linguagem do desenho.

Derdyk sempre desenhou, frequentou muitos espaços de arte, ateliês, cursos, onde sempre vivenciou o desenho, aprendeu a conhecer o desenho e sua linguagem através de suas vivências, lecionou como professora para crianças e adultos, diz que “A raiz do gosto de desenhar provém de uma infância e adolescência ‘não adormecida’ [...]” (DERDYK, 2015, p.18).

Derdyk é uma professora e pesquisadora apaixonada pela linguagem do desenho, seus livros nos fazem refletir sobre novas concepções relacionadas a esta linguagem. Quem lê seus livros aprende muitas coisas em relação ao desenho. A base de um professor ser um educador é gostar do que faz, e levar para sala de aula o que vivenciou e aprendeu em suas caminhadas de vida e estudos.

A relação professor/aluno deve ser construída com as vivências em sala de aula, o professor ensina o aluno, mas também é aprendiz dele, pois com as narrativas que o aluno traz é possível analisar, compreender e ensinar de um modo que seja favorável para os dois. Ser educador envolve trabalhar com o outro, quando o professor ouve o aluno, permite ao mesmo se expressar criando um vínculo entre os dois, com possibilidades para experiências e aprendizados.

Essa fala me lembra do estágio com o Ensino Médio, como eu não tenho muita experiência em sala de aula, foi um desafio, eu não dialogava muito com os alunos durante as minhas atuações, e os mesmos também não falavam muito comigo, a não ser para fazerem perguntas sobre como deveriam fazer as atividades, o que acabou fazendo eu me sentir um pouco fora do contexto do “ser” professor.

Em um dos encontros, meu professor supervisor do estágio foi à escola me observar, nesse dia eu estava fazendo uma apresentação para a turma, com o uso de Data Show, depois, ele, com muita educação pontuou que sentiu falta da turma dialogar no decorrer da apresentação, então, em outro momento, numa outra apresentação, eu busquei fazer perguntas norteadoras para a turma, estabelecendo assim, um diálogo, percebi com essa iniciativa, uma mudança significativa e como o diálogo faz a diferença.

Na pesquisa feita por Jaqueline Schmidt em 2016, para um Trabalho de Conclusão de Curso, intitulada “DESENHO NO ENSINO MÉDIO: Contrariando bloqueios e explorando novas potencialidades”, ela levanta muitas questões sobre o desenho enquanto gosto e sua prática em sala de aula.

Schmidt diz ser fã do desenho, o que a levou a fazer uma investigação sobre o mesmo com os alunos de Ensino Médio na busca de encontrar respostas a partir de questionários endereçados aos alunos e professores e também pela prática do estágio. Respostas essas, que buscam responder sobre a questão do bloqueio do desenho, se faz parte da realidade desses alunos, e se isso dificulta a prática de atividades e como professores e alunos lidam com essa questão.

Em seu texto, ela traz uma reflexão importante sobre a frase “eu não sei desenhar”, que é muito comum ouvir um aluno dizer.

Muitos alunos nesse momento afirmam que não sabem desenhar, os professores costumam acreditar que estão bloqueados por insegurança ou submissão a padrões adultos. Mas o aluno está querendo nos dizer: eu não sei desenhar e gostaria que alguém me ensinasse. Resta saber se sabemos orientá-lo nessa tarefa (IAVELBERG, 2008, p. 67 apud SCHMIDT, 2016, p.17).

Acredito que um professor de Arte tem muitas capacidades para fazer o aluno repensar essa ideia de achar que não sabe desenhar, muitos alunos ainda acham que o desenho deve ser “belo”, por isso a importância de lhes mostrarem a arte contemporânea, que nos traz outras formas de pensar o desenho, no qual possibilita ao professor mostrar para o aluno diferentes maneiras de desenhar, estabelecendo assim que o aluno pode desenhar sem se preocupar com padrões. Ensinar os alunos a exercitarem traçados, técnicas, entre outros métodos da linguagem do desenho, garantirão a eles chances de aperfeiçoarem suas habilidades artísticas e também sua autoconfiança para dizer “eu consigo

desenhar!”, “eu sei desenhar!”, talvez isso não seja uma tarefa fácil para o professor, mas também não é impossível.

Além da reflexão de Lavelberg citada por Schmidt (2016), há outros fatores que podem influenciar no bloqueio do aluno em relação ao desenho. Segundo Tsuhako (2015):

O trabalho com o desenho é uma prática comum nas instituições de Educação Infantil, mas muitos profissionais, desconhecendo essa forma de expressão e sua importância, acabam desenvolvendo práticas que não oferecem desafios às crianças, como atos espontâneos ou práticas mecânicas que se limitam a cópias, desenhos estereotipados, pinturas em desenhos mimeografados ou xerocopiados, impedindo que a criança aprenda a elaborar e a valorizar suas próprias respostas em relação ao seu mundo, não contribuindo para o desenvolvimento da criatividade e imaginação, que são fundamentais para a linguagem artística. Tudo isso acaba gerando adultos inseguros nessa forma de expressão, ou seja, no desenho, tornando comum a seguinte afirmação: ‘Não sei desenhar!’ (p.1-2)

Talvez outra questão que também pode girar em torno desse “não saber desenhar”, é pensar que o aluno, até então, só tenha visto imagens de produções de artistas que desenhavam de forma realista, que o faz pensar “eu não sei desenhar desse jeito, meu desenho é estranho, feio”. Daí, a oportunidade de trazer para a sala de aula o desenho contemporâneo, pois revelará ao aluno o outro lado dessa linguagem que ele talvez não teve oportunidade de conhecer, e perceber que o que importa não é a estética do desenho, mas sim o seu contexto. “Sejamos um pouco loucos, mais dionisíacos, mais trágicos, deixando do lado de fora da porta da escola, pelo menos em algum momento, nossas práticas pedagógicas tão sóbrias e sensatas que pouco atingem nossas crianças e jovens [...]”(LOPONTE, 2013, p.15). Tsuhako (2015) corrobora com este pensamento enfatizando que:

[...] para uma mudança de fato, será necessário que o professor se aproprie do conhecimento teórico, e tenha condições de assumi-lo tanto no discurso como na prática, do contrário, os mesmos modelos de trabalhos em desenho continuarão sendo reproduzidos e a tal insegurança ao desenhar ou a fala comum ‘eu não sei desenhar’ continuarão presentes em nossos alunos, futuros adultos. (p.7)

O professor que propõe atividades diferenciadas, com materiais, suportes e técnicas de produções diferentes a seus alunos o faz um professor de atitudes, inovador, que gosta do seu trabalho e busca oferecer a seus alunos maneiras novas para se expressarem. É um professor que esta sempre se

especializando, estudando, que tenta saber mais sobre os interesses de seus alunos, o que o mundo contemporâneo traz de novo, ou seja, esse professor busca tornar suas aulas significativas para os alunos.

As atitudes de professores é que inspira ou não muitos acadêmicos em fase de estágio obrigatório ou não. “Muitas vezes, a partir de um olhar para outras experiências docentes produz-se a diferença, não exatamente uma ‘identidade’. Identifico-me (ou não) com o outro e me vejo diferente aos meus próprios olhos.” (LOPONTE, 2013, p.7-8)

Voltando ao contexto do desenhar, Dworecki (1998, p.119) afirma, “Quando estimulado a desenhar com atenção no gesto, o aluno começa a grafar traços ‘nunca dantes’ desenhados. Diante deles, eis que se tem o ímpeto habitual: socorrer-se da borracha.” Então se forma o preconceito diante dos erros de traços que se configuram, ou seja, o aluno não gosta do que vê e os apaga com a borracha.

Conhecer os traços, por exemplo, de Paul Klee, Flávio Motta, Matisse, Picasso e outros é verificar que a qualidade do riscar – supostamente infantil – que apresentam tais artistas conduziu a representações de valor. Esta via pode facilitar ao aluno a aceitação de que suas próprias expressões se assemelhem à infantil. Esse socorro prestado pelos artistas que incorporaram valores do desenhar infantil ganha importância quando o aluno desenha com frequência e ousa ampliar seu repertório. (DWORECKI, 1998, p.120)

Experimentar novas formas de traçar o desenho com inspirações artísticas é trabalhar na desconstrução de preconceitos em relação a sua própria expressão.

Uma criança de oito anos desenhara como uma criança de oito anos, mesmo que não tenha tido muitas oportunidades de usar os materiais artísticos. O jovem de dezesseis anos, por outro lado, desenhara da mesma maneira que vinha desenhando nos últimos dois ou três anos, a menos que tenha tido a oportunidade ou o empenho de aperfeiçoar seus dons artísticos” (LOWENFELD-BRITAIN, 1977, p.337 apud SCHMIDT, 2016, p.28)

Concordo plenamente com essa citação, mas não são apenas os adolescentes que podem aperfeiçoar suas habilidades para o desenho, não sou mais adolescente, mas quando desenho percebo o quanto minha habilidade amadureceu, isso graças às práticas e técnicas que aprendi e experimentei com os professores do curso, como diz Carvalho: “É necessário vivenciar experiências

artísticas e ter consciência de que cada aluno é único e se expressa de maneira própria.” (2015, p.15).

O capítulo seguinte abordará a questão dos estereótipos, e qual o papel do professor com relação a isso. Trago também minhas experiências a exemplo de desconstrução de estereótipos. Nesse referencio Ricken; Souza (2013); Hallawell (2003) e Schultz (2011).

4 O PAPEL DO PROFESSOR NA DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS EM RELAÇÃO AO DESENHO

Estereótipos, em todas as fases do curso eu sempre ouvi os professores falarem sobre essa palavra, usada para definir algo como padrão. Muitos professores da Educação Básica ainda trabalham com os estereótipos. Lembro-me dos desenhos de sol, flor e casa que é muito comum as crianças, até adolescentes desenharem ainda. O sol, sendo um círculo e ao redor vários riscos; uma casa representada por um quadrado, um triângulo, uma porta e uma janela, sem perspectiva.

[...] a facilidade em copiar desenhos prontos e estereotipados faz com que a criança não queira experimentar novas possibilidades de desenho, preferindo representar os desenhos animados da televisão, cópias de modelos ou ainda, cópias dos desenhos dos próprios colegas alegando não saber desenhar. Tornando-se comum o desenho de montanhas, casas, sol, nuvens, ovelhas, flores, árvores, etc. todas do mesmo tipo. Observa-se a semelhança entre os desenhos e a influência que as imagens prontas e veiculadas na mídia exercem sobre o ato expressivo da criança. (RICKEN; SOUZA, 2013, p.3-4)

O repertório imagético da geração contemporânea esta contaminada por influências visuais da mídia e internet, os professores lidam a cada dia com mudanças relacionadas aos seus alunos acarretadas por essa rede comunicacional que o mundo contemporâneo oferece, o que faz com que a educação se reestruture para se modernizar, que também indaga o professor a buscar aprender as novas tecnologias, se aproximar desta rede comunicacional, para assim tentar propor novas formas metodológicas atrativas para seus alunos. “A docência pode ser ‘um lugar privilegiado de experimentação, de transformação de si, de exercício genealógico’, diz Fischer (2009)” (apud LOPONTE, 2014, p.649).

No desenho, os estereótipos funcionaram muito no passado, mas agora não mais, pois a cópia inibe a criatividade, aqui, é preciso levantar uma questão que citei antes no subcapítulo 2.1 para mais esclarecimentos.

Não é o desenho que inibe a criatividade, mas uma atitude acadêmica. Quando o desenho de observação é ensinado como se fosse baseado em regras, então, realmente, vai prejudicar a criatividade do aluno, assim como qualquer professor que impõe regras, estilos ou soluções inibirá o aluno na busca de sua própria expressão. O desenho de observação, repito, é um meio para se dominar o desenho, e é somente dominando o desenho que

se consegue fazer uma arte completamente livre, onde as soluções são por opção e não por exclusão. (HALLAWELL, 2003, p.9)

Ou seja, em outras palavras, no meu entendimento, quando um professor mostra para seus alunos um desenho de algum artista e estabelece regras como “façam desse jeito o seu desenho” ele estará inibindo a criatividade do aluno. Agora se ele usa o desenho apenas como fonte de inspiração para o aluno observar e a partir da observação o aluno criar seu próprio desenho sem ser estereotipado, eles identificarão suas produções.

A questão da desconstrução de estereótipos em relação ao desenho me fez lembrar de uma atividade feita na disciplina de “Apreciação Estética” do curso, a professora da disciplina trouxe imagens de produções do artista Ben Heine como proposta de inspiração. Ben Heine é um artista que trabalha com imagens usando a fotografia, ele faz intervenções com desenhos feitos por ele e coloca sobre imagens que vê e depois as fotografa, sua mão sempre se faz presente nos registros, o que mostra ainda mais sua interação com o espaço, e sua imaginação/desenho se torna parte daquela imagem/espço visualizado. Com base nisso, a turma criou imagens a partir de releituras, foi como uma continuação do que se via, usando a imaginação e, depois foi fotografado, teve acadêmicos que usaram o espaço do *campus* da Unesc, a sala e até imagem de revista. Para Pillar

[...] a releitura implicou não só numa interpretação com a obra, mas numa reconstrução, na produção de um novo objeto num outro contexto e com novo sentido. Quando não ocorre a reconstrução de um novo sentido, o termo releitura está sendo deturpadamente empregado. Nesse caso, ocorre uma produção de cópia. A principal diferença entre releitura e cópia está na falta de transformação presente na cópia. (2006, p.18 apud SCHULTZ, 2011, p. 1211)

Figura 18: Releituras (intervenções)



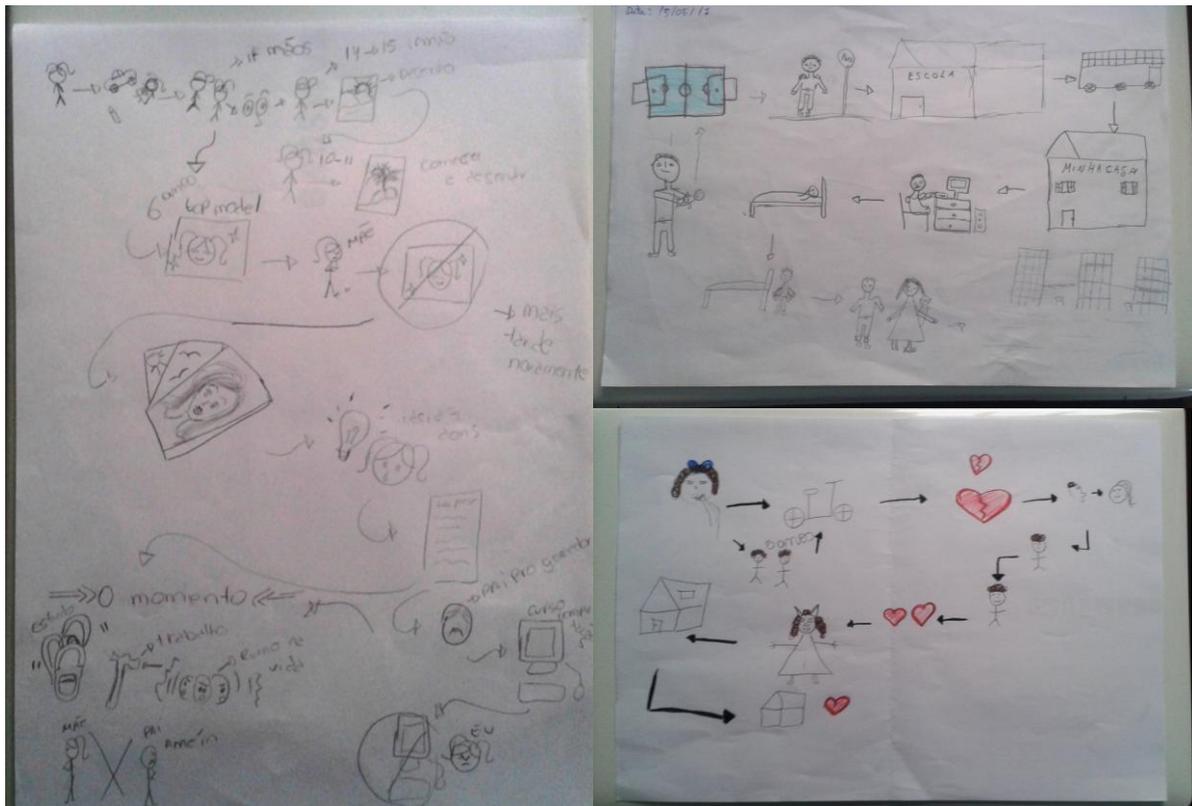
Fonte: Arquivo Pessoal

Propor atividades no qual o aluno interaja com sua realidade, convidando-o a criar e ampliar sua percepção com o sensível o faz refletir sobre a ideia de estereótipos, de cópias, possibilitando a ele um novo olhar, no qual possa experimentar uma interpretação interativa com a releitura, trabalhando sua imaginação para dar um novo sentido à imagem vista/lida/apreciada. Galvani

[...] relaciona a mudança da proposta da leitura da imagem com a mudança da postura do sujeito espectador diante do objeto artístico, que passou da contemplação passiva, simples olhar, para a interpretação interativa, ver o mundo circundante a partir de uma ótica estética, sensível e crítica do cotidiano. (2006, p. 144 a 147 apud SCHULTZ, 2011).

Ao falar sobre interação com a realidade trago uma proposta de atividade que desenvolvi no meu estágio com o Ensino Médio; **Draw my Life (desenhe minha vida)**, esse estilo de desenho é bem contemporâneo, utilizado para narrar uma história, seja ao vivo ou gravada. A proposta da atividade foi desenvolvida para quebrar o gelo com a turma e conhecer um pouco da história de cada aluno. Primeiro eu contei minha história desenhando no quadro e pedi para eles desenharem a sua numa folha de papel e se apresentassem com suas narrativas. Para o professor que deseja conhecer um pouco da história de vida de seus alunos essa é uma proposta de atividade diferente, muito boa e com materiais acessíveis.

Figura 19: Narrativas Pessoais



Fonte: Arquivo Pessoal

Trazar novas experiências estéticas para a sala de aula é construção de conhecimento para o aluno e também importante para ele perceber que a arte transforma o olhar do sujeito em um olhar sensível e crítico. E proporcionando novas experiências ao aluno, o professor o ajudará na desconstrução de estereótipos.

O capítulo seguinte apresentará a análise de dados da pesquisa de campo feita com seis professores de Arte do Ensino Médio. Para fundamentar essa análise, trago os autores Derdyk (2015), Schmidt (2016) e Rodrigues (2011).

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para responder as questões levantadas nesse trabalho, convidei seis professores de Arte do Ensino Médio da rede estadual para responderem questões direcionadas à linguagem do desenho nas aulas de artes. Analisando as respostas, dialogarei com os autores: Edith Derdyk (2015), Jaqueline Schmidt (2016) e Rodrigues (2011), esses trazem reflexões sobre o Ensino de Arte e sobre o desenvolvimento do desenho em práticas pedagógicas.

No quadro a seguir apresento como se deu a nomeação dos professores na presente pesquisa, também apresento o ano de formação no Ensino de Arte e a cidade em que lecionam.

Figura 20: Nomeação dos professores, ano de formação e cidade que leciona

Professor(a)	Ano de Formação	Cidade
P1	1985	Criciúma
P2	1991	Criciúma
P3	2007	Criciúma
P4	2014	Criciúma
P5	2005	Nova Veneza e Içara
P6	2005	Criciúma

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

Nesta apresentação optei por apresentar apenas algumas respostas de professores em cada pergunta.

A primeira pergunta levantada no questionário foi: **Como você, professor de Arte do Ensino Médio, vê a linguagem do desenho no Ensino de Arte e como trabalha com a mesma em suas aulas?**

Resposta do P2 – *Acredito ser importante linguagem de expressão. Trabalho em sala de aula envolvendo diferentes técnicas, pois muitas pessoas tem medo de desenhar por estarem presas aos estereótipos.*

Resposta do P3 – *Vejo como uma linguagem essencial. Pois é completa em si mesma, mas pode incrementar talvez quase todas as outras. É de fácil acesso, com materiais usuais que os estudantes e/ou a escola dispõe. Procuo variar, certos momentos ela serve para esboçar uma pintura com tintas, em outro o “clássico” (depende da proposta) desenho a ser pintado com lápis de cor ou giz. Em outros os efeitos de luz e sombra são desejados com os lápis 6B. Aprecio ensinar-lhes técnicas de desenho como perspectiva, pontos de fuga. Para que tenham recursos técnicos para expressar suas ideias.*

Resposta do P4 – *Vejo o desenho no ensino da arte importante para a expressão dos alunos, uma das linguagens que o aluno se identifica, seja através de rabiscos, traços, desenhos mais elaborados ou não. O desenho em minhas aulas vai aparecer no diário de bordo (construção durante o ano), stencil, intervenção, costumo pedir esboço das ideias dos trabalhos práticos.*

Resposta do P5 – *O desenho é uma importante linguagem artística e permite aos alunos(as) expressarem suas ideias, concepções de mundo, representação de seus universos subjetivos e percepções da própria arte. Nas minhas aulas procuro estimular o desenho/desenhar em distintas materialidades e possibilidades, a fim de que cada um(a) participe de experiências que ampliem seus repertórios pessoais.*

Diante das respostas dos professores percebo que a linguagem do desenho é sem dúvida a mais presente no dia a dia da escola, e isso segundo relato, acontece devido ao fácil acesso que a mesma possui. E também por ser no desenho o primeiro contato com a ideia da produção. Essa atitude dos professores remete ao que Derdyk (2015, p.53) afirma em relação a amplitude do desenho “O desenho faz parte de um conjunto de atividades plásticas [...]”. Sobre o mesmo véis SCHMIDT (2016) enfatiza que o desenho abre novas possibilidades na sala de aula, pois ele é o “protagonista” da criação.

PARTINDO PARA A SEGUNDA PERGUNTA – Em sua opinião, o desenho estimula a criatividade do aluno (Ensino Médio), por quê?

Nas respostas do P1 e P3 há uma concordância em relação ao estímulo que o desenho pode proporcionar na sala de aula.

Resposta do P1 – *Acredito que todas as linguagens da arte podem estimular a criatividade, podem motivar os alunos para a criação. O que vejo é o desenho sendo usado como única possibilidade de produção na sala de aula e esta forma de pensar o desenho acaba por limitar a criação*

Resposta do P3 – *Sim. Mas também compreendo que nem sempre este potencial é explorado de forma intensa. Estimulo a criatividade de meu aluno quando o tiro de sua zona de conforto. Quando oportunizo experimentar materiais diferentes, suportes variados quando o convido a evadir sua temática. Quando alunos que só desenhavam e sombreavam com 6B experimentam colorir, e descobrem que é possível e interessante sombrear com cores. Apropriar-se de uma imagem e gerar interferências pessoais nela. Saber que o desenho pode se associar a colagens, desenhos gráficos, ocupar espaços, não ser acadêmico e ainda assim ser um bom desenho. De maneira que ele seja estimulado a descobrir em seus grafismos uma nova poética. Que deixa para trás seus tão seguros estereótipos, e o leve a um novo patamar de real expressão de suas ideias, emoções e intuições artísticas.*

Em relação a essas respostas encontro em Derdyk (2015) uma afirmação que vai ao encontro do pensamento desses professores “O desenho responde a toda forma de estagnação criativa, deixando que a linha flua entre os sins e não [..]” (p.52). De fato pelas experiências que tive o desenho sempre foi o alicerce de uma produção artística.

Na resposta do professor P4 encontramos uma situação muito comum na faixa etária dos alunos que estão no Ensino Médio, que há um descontentamento em relação ao ato de desenhar:

Resposta do P4 – *Sim. Os alunos do ensino médio se identificam com o desenho, porém alguns comentam “eu não sei desenhar”, então procuro mostrar o desenho contemporâneo para os alunos.*

A proposta metodológica diferenciada que o desenho contemporâneo propõe, a meu ver e pela minha experiência no estágio com o Ensino Médio estimula o aluno na sua produção por estar em contato com materiais nunca antes vivenciado durante o seu percurso escolar. Diante disso trago a fala de Rodrigues:

A necessidade de finalização e de certo rigor técnico sempre me perseguiu. Meus desenhos se tornam escravos de uma ação objetiva e calculada, onde o experimento não ganha muito espaço, pois, até então, via isso como algo incompleto. Refletindo sobre o que descobri através de minha pesquisa, agora vejo o quanto esse pensamento é perigoso, pois bloqueia o que se tem de mais importante: a criatividade. A partir de agora vou me dar mais chance ao erro, ao acaso, à riqueza do inacabado, que apenas sugere, não limita. (2011, p. 57-58)

A partir dessa fala pode-se perceber o quanto o experimento é importante para a criatividade, assim sendo, o desenho contemporâneo, por meio de ações e materiais diferenciados podem estimular o aluno a criar sua produção sem a preocupação do “certo ou errado” e assim o aluno compreendera que o “não sei desenhar” é algo que ele estereotipou.

TERCEIRA PERGUNTA – Sobre desenho contemporâneo, você possui conhecimento sobre, em sua opinião, o desenho contemporâneo desconstrói estereótipos relacionado a essa linguagem construída pela própria escola?

Resposta do P1 – *O que conheço do desenho contemporâneo é o que venho estudando para ampliar meu repertório artístico e também para propor ações na escola. Acredito que o desenho contemporâneo quebra o cânone do desenho clássico, causa estranhamento e possibilita olhar para a arte de forma diferente.*

Sobre essa questão de “quebra” que o P1 nos diz em sua resposta, Rodrigues (2011) enfatiza que leituras e investigações relacionadas ao desenho amplia a visão de desconstrução uma vez que a razão, comum na prática do desenho, fica em segundo plano e abrem-se possibilidades quando é deixado se levar pela experiência e essa traz a intuição movida pelo gesto, fluindo assim ideias acontecendo então esta ruptura, essa nova forma de compreender o desenho.

Nas respostas do P3 e P6 percebo um mesmo pensamento, de que o desenho contemporâneo estimula o aluno a se desprender da cópia e ter um olhar sensível diante de sua forma de ver e pensar.

Resposta do P3 – *Conheço um pouco, tenho buscado conhecer mais e melhor e experimentá-lo juntamente com meus discentes. E entendo que sim, os ajuda a desconstruir estes estereótipos, quando eles conseguem internalizar a Arte contemporânea em detrimento aos estereótipos tão fortemente arraigados e reforçados cotidianamente. O pensamento do aluno se expande quando compreende que seu desenho pode estourar bordas, pode não conhecer moldura e em vez de formas geométricas conter formatos orgânicos. E em vez de reproduzir os tão seguros, confortáveis e aceitos estereótipos refletir seu mundo interno e externo carregado das incertezas reflexivas do mundo e da Arte contemporânea.*

Resposta do P6 – *[...] O desenho contemporâneo busca estimular para novos modos de ver e pensar. Procuo deixar claro para os alunos um livre processo de criação. Ao quebrar essa barreira, o aluno começa a expor seus traços, seus próprios meios de produção. Quanto a esse entendimento o educando começa a perder à prática da perfeição, do igual, da cópia.*

Diante dessas duas respostas trago a fala de Derdyk, que descreve sobre um ensino que não se baseia na cópia - “O ensino inteligente e sensível depende do ensaio e erro, de pesquisa, de investigação, experimentação na busca de solução de problemas que geram dúvidas, incertezas. ‘A inteligência é o ato de inventar e é sempre um ato original’” (PIAGET, 1990 apud DERDYK, 2015, p.108).

P5 traz em sua resposta uma reflexão sobre os estereótipos, ainda muito praticado na escola, devido a ações promovidas pela mesma, que acabam reduzindo as experimentações do desenvolver a linguagem do desenho.

Resposta do P5 – *A cópia/reprodução de modelos, infelizmente, ainda é muito valorizada na escola. Infelizmente, porque perpetua ações que intimidam e desestimulam o desenvolvimento de uma poética pessoal expressa na linguagem do desenho e suas diversas possibilidades de materialidades, técnicas e suportes. O ensino tradicional do desenho normatiza o que não pode ser normatizado: a própria*

arte. As técnicas e exercícios tem seu valor no processo de aprendizagem de uma linguagem como o desenho. Porém encerrar/reduzir o espaço para as experimentações reduz as possibilidades de um desenvolvimento autônomo e autoral do(a) aluno(a) na linguagem do desenho.

O ensino fundamentado na cópia inibe toda e qualquer manifestação expressiva e original. [...] O sistema escolar, de forma geral, encara o desenho como um manual de exercícios com fins utilitários e pedagógicos bem definidos e determinados. Simplesmente exercita-se, de maneira impessoal, o desempenho e a eficiência da mão e do olho. A destreza e a técnica são componentes fundamentais dentro desse sistema de pensamento. O desenho acaba perdendo a possibilidade do significado lúdico e sua carga simbólica. [...] E aí vai um bando de exercícios e propostas visando o controle motor, o domínio da observação, o equilíbrio, a cópia. (DERDYK, 2015, p.110)

QUARTA PERGUNTA – Em suas aulas com o Ensino Médio, você já propôs algum desenho sem ser apenas com lápis e papel? E qual foi à proposta de material? Você percebeu se os alunos romperam com possíveis bloqueios diante da mesma?

Resposta do P1 – *Não baseio minhas aulas nas linguagens, mas sim na promoção do pensamento sobre a vida pela arte. Conhecemos produções artísticas, artistas, lemos jornais e revistas, vimos documentários e assim desenvolvemos as aulas. Com isso algumas produções são criadas e nessa criação aparecem linguagens. O desenho é uma linguagem que alguns alunos escolhem, e geralmente usando lápis e papel. Já tivemos momentos de escolha de outros materiais para desenhar. Uma experiência bacana foi quando alguns escolheram trabalhar com cordões, tanto colando no papelão, como criando no espaço, como redes móveis. Percebi que tiveram muito prazer em desenhar fora do papel.*

Percebi na resposta do P1 que suas aulas consistem em serem dinâmicas, onde os alunos tem liberdade para escolher sua maneira de criação e produção, diante disso trago SCHMIDT, que fala sobre o “Desenho Emancipador”, abordado por Flávia Pedrosa Vasconcelos (2015) em seu livro de “*Todos podem desenhar (e não apenas colorir) ou proposições para um ?saber desenhar? emancipador.*” Segundo SCHMIDT “Para a autora, a emancipação retira o medo do

lugar da incompetência e insucesso e usa-o como motor para ultrapassar barreiras e limites que antes poderiam parecer intransponíveis.” (2016, p.52)

Quanto as respostas do P3 e P4 há semelhanças, ambos trouxeram o uso de materiais diferenciados e observaram que houve mudanças quanto à questão dos possíveis bloqueios. Porém, P3 especifica dois tipos de mudança que seus alunos demonstraram nas atividades envolvendo esses materiais diferenciados.

Resposta do P3 – *Já propus desenhar sobre capas de livros diretamente com tinta, para uma instalação contemporânea. Com carvão, com bolas de gude e canetinha, com recortes, sobre madeira, pedras e muros, sobre a pele com aquarela. As reações são heterogêneas alguns abraçam a proposta imediatamente, outros ficam desconfiados, demonstram insegurança na potencia dos materiais ou julgam outras propostas como infantis e não se esmeram tanto nos detalhes de suas produções.*

Em relação às reações destes adolescentes inseguros, Lavelberg (2008, p. 69 apud SCHMIDT 2016, p.17) em sua pesquisa traz o relato de uma realidade:

O aparecimento da adolescência e conseqüente crise da puberdade, entre os 12 e 14 anos, provoca, no desenho, uma regressão ou um estacionamento. A causa, afirmam estudiosos, é a perda da ilusão, do entusiasmo, dos requisitos da visão realista, própria do adolescente, e provocada ou pela escola ou pela evolução da criança. Acontece que, nessa época crítica, há no adolescente uma transformação geral: a capacidade de observação e o senso crítico aumentam e se aperfeiçoam. O adolescente faz comparações, nota as deficiências e as lacunas até então despercebidas. Torna-se insatisfeito.

Resposta do P4 – *Sim. Já propus stencil no raio X, cartolina, desenho com giz carvão na parede, gravura, desenho com arame abordando a escultura também. No começo percebi certa relutância quanto o uso dos materiais diferenciados, mas depois interagiram bem com os materiais.*

QUINTA PERGUNTA – Que diferença você percebeu ao realizar uma metodologia envolvendo desenho com lápis e papel e uma metodologia que propunha materiais diferenciados aplicados ao desenho?

Resposta P1 – *Posso dizer apenas que sempre que se faz novas proposições, saindo da rotina, principalmente do desenho clássico, os alunos abrem suas perspectivas para pensar a criação em arte.*

Resposta P2 – *Os alunos perceberam detalhes que antes não percebiam. E ficaram muito mais motivados com a atividade.*

Resposta P3 – *Que ambas são importantes, e que com novas propostas outros alunos que não se sentem a vontade nas aulas de Artes, encontram-se em patamares proximais e correlacionados ao lado de colegas que julgam “desenhar muito bem”. E aqueles que gostam de desenvolver a linguagem do desenho tem a possibilidade de se desafiar, agregar novos elementos aos seus desenhos, associar outras linguagens as suas inspirações gráficas, e compreender que desenho é mais que a forma em si. Mas é também a forma de representá-la e pensar sobre algo.*

Resposta P4 – *Percebi alunos mais interessados e envolvidos nas atividades propostas que aparecem materiais diferenciados.*

Resposta P5 – *A ampliação de repertório e experiências dos(as) alunos(as) em questões fundamentais para uma formação dos sentidos: materialidades, técnicas, artistas, suportes etc. E, o mais importante, uma experiência com a linguagem do desenho que propicie o desenvolvimento de um vocabulário expressivo em desenho e a elaboração de uma poética própria em desenho.*

Resposta P6 – *Quando possível, propostas de trabalho com desenho com materiais diversificados, nos deparamos com resultados inovadores. Esses resultados, procura respeitar e incentivar a produção e habilidade de cada um, que buscou interesse pela proposta apresentada.*

É notável na fala dos professores(as) entrevistados(as) as novas concepções relacionados ao desenho que podem acontecer quando ele não é visto apenas como algo que pode ser feito com lápis e papel. Rodrigues (2011) relata que o desenho abre inúmeras formas de repensar quando este é introduzido numa linguagem contemporânea, ficando livre, sem ser inflexível em sua apresentação.

No próximo capítulo apresento o projeto de extensão, é um curso destinado aos professores que participaram da pesquisa, onde será feita uma discussão sobre as perguntas abordadas no questionário que os mesmos responderam e realizada uma atividade prática.

6 PROJETO DE EXTENSÃO

TÍTULO: POSSIBILITANDO EXPERIÊNCIAS DE SABERES SOBRE A LINGUAGEM DO DESENHO NO ENSINO DE ARTE

EMENTA: Discussão sobre a linguagem do desenho no Ensino de Arte; trocas de experiências; possibilidades de atividades com materiais diversificados.

PROPOSTA DA CARGA HORÁRIA: 8 horas.

PÚBLICO ALVO: Professores de arte que participaram da pesquisa.

JUSTIFICATIVA

Diante das respostas do questionário, percebi diferenças de opiniões e senti então a necessidade de promover um encontro para discutirmos sobre as questões relacionadas a linguagem do desenho nas práticas metodológicas, com isso ouvir e dialogar sobre e trocar experiências, que podem contribuir para o conhecimento do outro.

Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é 'o que nos passa', o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. (BONDÍA, 2002, p.24)

Também promover uma atividade para os professores que envolva a linguagem do desenho, com opções de ferramentas e suportes, pois pelas respostas de alguns professores, percebi a importância de trazer outras possibilidades para serem exploradas pelos mesmos. Com isso, será possível trazer uma compreensão aos professores de que o desenho possibilita várias formas de criação e interação com o meio. E que o professor pode auxiliar o aluno na desconstrução de estereótipos e autoconfiança para desenhar.

OBJETIVO GERAL:

- Propiciar diálogos e trocas de experiências sobre as práticas pedagógicas da linguagem do desenho no Ensino de Arte com o Ensino Médio.

OBJETIVOS ESPECIFICOS:

- Discutir sobre as respostas do questionário feito com os professores do Ensino Médio;
- Trocar experiências entre os professores sobre as atividades desenvolvidas nas aulas de artes em relação a linguagem do desenho;
- Despertar um olhar de possibilidades sobre o uso de materiais e suportes para o ensino nas aulas de artes.

METODOLOGIA:

O curso será oferecido em duas etapas de 4h, realizado no sábado das 8h às 12h. No **primeiro encontro** recepcionarei os professores envolvidos na minha pesquisa de TCC, que conta com seis professores de Arte do Ensino Médio, em seguida distribuirei para o momento os questionários ao seu devido professor e compartilharemos as respostas, abrindo assim uma discussão sobre o ensino da linguagem do desenho nas aulas de arte, propiciando trocas de experiências.

No **segundo encontro** iniciaremos com a leitura do capítulo intitulado: *As definições do Desenho* do livro *Formas de pensar o desenho* de Edith Derdyk, este capítulo traz uma reflexão sobre as concepções de desenho que ainda temos, “somos herdeiros dos mestres da missão francesa” (2015, p. 36). Em seguida será realizada uma atividade, no qual levarei materiais diversificados (arame, cordões, revistas, cola branca, cartolina, papel pardo, carvão, nanquim, pincel, grafite, placa de madeira, goivas, tinta, pratinho de isopor, papel colorido, tesoura, entre outros) para os mesmos desenharem. Os professores terão que criar uma produção sobre o desenho contemporâneo a partir do material escolhido e em seguida apresentarão relatando sua experiência e possibilidade de levar para sala de aula.

7 CONSIDERAÇÕES

O desenho é uma linguagem que transita de várias formas, ele pode ser feito as pressas para indicar algo, pode ser aquele rabisco no canto da folha do caderno, um desenho efêmero – que pode ser feito no espaço, areia, no vidro embaçado ou sujo, pode ser um desenho para construção civil, um esboço para uma produção artística, o desenho pelo desenho, entre outros. Segundo Derdyk (2015, p. 49) “O desenho possui uma natureza aberta e processual.”

A história do desenho vai além das informações levantadas nessa pesquisa, procurei aqui apenas trazer reflexões sobre o desenho e as inúmeras possibilidades que ele possui, pois o desenho deixou uma trajetória ao longo dos tempos e faz-se fortemente presente na contemporaneidade como processo para produção artística, como a produção em si, como práticas pedagógicas no Ensino de Arte, entre outros.

Explorando nas linhas do tempo, além de fazer reflexões sobre o desenho no Egito, no renascimento, na arte moderna e contemporânea, trouxe autores que dialogam com a linguagem e o seu desenvolver como produção enquanto forma de expressão, e sempre refletindo e dialogando com minhas experiências.

As experiências que tive nos meus estágios obrigatórios me ajudaram muito a desenvolver a escrita deste trabalho, e também por eu gostar da linguagem do desenho, de desenhar facilitou muito essa fruição.

Envolver professores de Arte na pesquisa ajudou a responder muitas questões que não eram supridas apenas com as leituras que fiz em livros e artigos.

Meu objetivo foi levantar dados sobre as proposições relacionadas à linguagem do desenho trazidas pelos professores de Arte para sala de aula, e sobre o que os mesmo perceberam no desenvolver das atividades dos seus alunos de Ensino Médio. No questionário aplicado aos professores houve respostas relacionadas aos estereótipos e a desconstrução desses, o uso de materiais diferenciados para desenhar, o trabalho sobre o desenho contemporâneo e os dizeres sobre o fazer do aluno com o uso de materiais que vão além do lápis e papel.

Nas falas dos professores percebe-se que a linguagem do desenho é muito praticada em suas ações pedagógicas, e dada uma importância muito grande

devido ao simples fato do fácil acesso a materiais que os alunos e/ou escola possui e também quanto às possibilidades para o aluno se expressar ao desenhar.

Percebi nas respostas que os professores conhecem o desenho contemporâneo, seja pouco ou muito, e que alguns relatam a questão do estranhamento dos alunos perante os materiais diferenciados que são trazidos para a prática do desenho. Essa atitude dos professores trazerem propostas novas para se pensar o desenho ajuda o aluno a desconstruir estereótipos.

O desenho contemporâneo estimula a criatividade do aluno devido ele ter um campo aberto, pois engloba uma forma de se trabalhar com inúmeras possibilidades de materiais, experimentando o efêmero, a união entre linguagens, pois como diz o P3 – “[...] é completa em si mesma, mas pode incrementar talvez quase todas as outras. O desenho contemporâneo estimula o aluno a sair de sua zona de conforto, e assim como diz o professor P3 “[...] deixa para trás seus tão seguros estereótipos, e o leve a um novo patamar de real expressão de suas ideias, emoções e intuições artísticas.”

Trabalhar com as experimentações, trabalhar o desenho de forma a inovar as atividades, trazer novas proposições para dentro da sala de aula também mobiliza o professor a sair de sua zona de conforto, o aluno é o responsável por instigar o professor a se capacitar, a pesquisar maneiras de tornar suas aulas diferentes. Assim sendo, o professor ensina o aluno, mas também aprende com ele.

Importante destacar novamente minha questão problema – A partir das proposições trazidas para a sala de aula, o que os professores de Arte percebem em relação ao desenho de seus alunos do Ensino Médio?

Acredito ter alcançado meus objetivos diante da pesquisa realizada com esses professores e que esta será fonte de pesquisa para pessoas interessadas em conhecer mais sobre o desenho e o ato de desenhar, e também no sentido de contribuir para novas ideias e pensamentos de práticas pedagógicas para professores, acadêmicos em fase de estágio, também quanto às possibilidades de uso de materiais.

REFERÊNCIAS

- BARROS, José D'Assunção. *Rebeldia e modernidade em Marcel Duchamp: uma redefinição do objeto e do sujeito artísticos*. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/5451>>. Acesso em: 12 abr. 2017.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. São Paulo: Campinas, 2002. Disponível em: <<http://www2.unirio.br/unirio/cla/ppgcla/ppgeac/processos-seletivos-discentes/2014/bibliografia-arquivos-para-download/bondia-larrosa.-notas-sobre-a-experiencia-e-o-saber-da-experiencia/view>>. Acesso em: 19 out. 2017.
- CANTON, Katia. *Do moderno ao contemporâneo*. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção temas da arte contemporânea)
- CARVALHO, Valéria Luzia Fernandes, 1977- *O desenho como forma de expressão no Ensino de Artes Visuais: Especialização em Ensino de Artes Visuais*. 2015. 45 f.
- CINTO, Sandra. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10461/sandra-cinto>>. Acesso em: 10 de Ago. 2017. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7
- COCCHIARALLE, Fernando. *Quem tem medo da arte contemporânea?* – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2006.
- COLI, Jorge. *O que é arte?* São Paulo: Brasiliense, 2006. 135 p.
- DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. 5. ed. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.
- DWORECKI, Silvio, 1949 – *Em busca do traço perdido*. – São Paulo: Scipione: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. – (Scipione Cultural)
- Disponível em: <<https://www.casatriangulo.com/pt/artista/27/trabalhos/>>. Acesso em: 20 set. 2017.
- Disponível em: <<http://www.artnet.com/artists/jean-michel-basquiat/3>>. Acesso em: 22 set. 2017.
- Disponível em: <<http://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/cafe-noturno-1888-vincent-van-gogh/>>. Acesso em: 23 set. 2017.
- Disponível em: <<http://www.select.art.br/8271-2/>>. Acesso em: 23 set. 2017.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONDO, Célia Mari. *Matrizes de plástico [manuscrito]: inversões e reflexões*. 2013. 148 f.: il. Disponível em: <https://culturavisual.fav.ufg.br/up/459/o/2013_Celia_Maria_Gondo.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

HALLAWELL, Philip. *A mão livre: a linguagem e as técnicas do desenho*. – São Paulo: Editora Melho, 2003.

HEINE, Ben. Disponível em: <<http://www.benheine.com/index.php>>. Acesso em: 19 out. 2017.

Kroon, Enno de. *EggCubism*. Disponível em: <<https://www.flickr.com/people/ennodekroon/?rb=1>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

LOPONTE, Luciana Gruppelli (2013) *Arte para a Docência: estética e criação na formação docente*. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, 21(25). Dossiê Formação de professores e práticas culturais: descobertas, enlaces, experimentações. Editoras convidadas: Carla Beatriz Meinerz, Dóris Maria Luzzardi Fiss & Sônia Mara Moreira Ogiba. Recuperado [data] <http://epaa.asu.edu/ojs/article/view/1145>. Acesso em: 26 set. 2017.

_____. **Arte contemporânea, inquietudes e formação estética para a docência**. Educação e filosofia (UFU. Impresso), v. 28, p. 643-658, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/educacaofilosofia/article/viewfile/14248/15314>>. Acesso em: 29 out. 2017.

MINAYO, Cecília de Souza (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1996.

POUGY, Eliana. Ápis: Arte, 4º E 5º ano: volume único. – São Paulo: Ática, 2014.

RICKEN, Dulce; SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira. *O estereótipo gráfico e a sua influência no desenho da criança*. 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_arte_artigo_dulce_ricken.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2017. Acesso em: 28 ago. 2017.

RODRIGUES, Carla Souza Simão. *As possibilidades e o processo do desenho na arte contemporânea*. 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/393/1/Carla%20Souza%20Simão%20Rodrigues.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2017.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Ângela Carrancho da. (org.) *Escola com arte: multicaminhos para a transformação*. Porto Alegre: Mediação, 2006.

SILVA, Cinara de Andrade. *Hélio Oiticica – arte como experiência participativa*. 2006. Disponível em: <http://www.bdtd.ndc.uff.br/tde_arquivos/34/TDE-2006-10-02T131916Z-391/Publico/UFF-Dissert-CinaraSilva.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2017.

SCHULTZ, Valdemar. *Leituras e releituras em aulas de artes visuais práticas escolares e processos de criação*. 2011. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/valdemar_schultz.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2017.

SCHMIDT, Jaqueline. *DESENHO NO ENSINO MÉDIO: Contrariando bloqueios e explorando novas potencialidades*. 2016. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/157066>>. Acesso em: 01 set. 2017.

STRICKLAND, Carol. *Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno*. Tradução Angela Lobo de Andrade. – Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

TSUHAKO, Yaeko Nakadakari. *O desenho como linguagem expressiva: um estudo à luz da teoria histórico-cultural*. 2015. (Apresentação de trabalho/Comunicação). Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/jornadadonucleo/o-desenho-como-linguagem-expressiva.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2017.

APÊNDICE

APÊNDICE A

**UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIA E EDUCAÇÃO – UNA
CURSO: ARTES VISUAIS - LICENCIATURA
DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
ACADÊMICA: Raquel da Silva Pacheco
FASE: 8ª fase
PROFESSOR RESPONSÁVEL: Me. Marcelo Feldhaus
PROFESSORA ORIENTADORA: Me. Izabel Cristina Marcílio Duarte**

QUESTIONÁRIO

Nome: _____

Estabelecimento de trabalho: _____

Cidade: _____

Ano de formação: _____

1. Como você, professor de Arte do Ensino Médio, vê a linguagem do desenho no ensino da arte e como trabalha com a mesma em suas aulas?
2. Em sua opinião, o desenho estimula a criatividade do aluno (Ensino Médio), por quê?
3. Sobre desenho contemporâneo, você possui conhecimento sobre, em sua opinião, o desenho contemporâneo desconstrói estereótipos relacionado a essa linguagem construída pela própria escola?
4. Em suas aulas com o Ensino Médio, você já propôs algum desenho sem ser apenas com lápis e papel? E qual foi a proposta de material? Você percebeu se os alunos romperam com possíveis bloqueios diante da mesma?
5. Que diferença você percebeu ao realizar uma metodologia envolvendo desenho com lápis e papel e uma metodologia que propunha materiais diferenciados aplicados ao desenho?

ANEXO

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

	<p>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</p>
---	--

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL),
 _____ (PROFISSÃO), _____ portador(a) da
 carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO
 EXPEDIDOR), _____ inscrito(a) no CPF sob o nº
 (NÚMERO) _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da
 minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa da acadêmica **RAQUEL DA
 SILVA PACHECO** do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação da **Prof^a.
 Izabel Cristina Marcílio Duarte** para que o mesmo os disponibilize como dados da
 pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima
 descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos
 à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa
